

RETÓRICA E ESTILÍSTICA NAS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS DE JOÃO DO RIO NO LIMIAR DO SÉCULO XX: IDENTIDADES E REPRESENTAÇÕES

Angélica Lino Moriconi (USP/UNISA)
angelica.moriconi@bol.com.br

1. *Considerações iniciais*

Nos últimos tempos, observam-se trabalhos acadêmicos alicerçados no estudo do gênero discursivo “crônica” que apresenta um caráter híbrido, constituindo-se de características tanto do fazer literário quanto do jornalístico, apresentados em congressos e seminários (nacionais e internacionais), e também em bancas examinadoras para obtenção de títulos de mestres e doutores.

Precursor das ideias em torno dos gêneros textuais, Bakhtin propôs os estudos desses diferentes gêneros a partir de suas superestruturas. Assim, a crônica apresenta características do texto literário, mas também apresenta o aspecto noticioso do texto jornalístico.

Na virada do século XIX para o XX, várias foram as transformações ocorridas na sociedade brasileira: a classe burguesa ascende socialmente, as relações capitalistas se fortalecem e o país caminha definitivamente rumo ao progresso. A imprensa então assume um caráter industrial, ganha relevo na sociedade e estrutura-se comercialmente. Neste contexto, alteram-se suas relações com a sociedade e os jornais abrem-se ao mundo literário, aglutinando jornalismo e ficção. Desta forma, esses textos de caráter híbrido têm sido objeto de importantíssimos trabalhos de diversas ordens, mas poucos objetivaram analisar o estilo dos autores naquele momento, buscando por meio dos aspectos retóricos e estilísticos perceber a construção de identidades e as várias formas de representação do *locus urbanus* e de seus “personagens”. É exatamente por isso que aqui centraremos nosso trabalho.

Buscar-se-á analisar nas crônicas de João do Rio publicadas em *A alma encantadora das ruas* traços do discurso jornalístico e literário. Os elementos do jornalismo por ele introduzidos fazem-no inovador neste âmbito. Assim, a problemática inerente ao estilo do autor será o objeto do trabalho, já que crônica e reportagem, jornalismo e literatura, interpenetram-se em suas crônicas. Buscar-se-á ainda, por meio dos recursos retóricos e estilísticos por ele utilizados, delinear as representações do es-

paço e de seus "personagens", verificando de que forma emergem em seu discurso as identidades do Brasil e dos brasileiros – mais especificamente, do Rio de Janeiro e de seus habitantes à época dessas crônicas.

Segundo nos informa Tânia Carvalhal:

A literatura comparada é uma prática intelectual que, sem deixar de ter no literário o seu objeto, confronta-o com outras formas de expressão cultural. É, portanto, um procedimento, uma maneira específica de interrogar os textos literários não como sistemas fechados em si mesmos, mas em sua interação com outros textos, literários ou não (CARVALHAL, 2003, p. 49)

Observando-se as ideias acima expostas, nosso estudo analisará tanto o fazer literário, quanto o contexto histórico no qual João do Rio se insere, além dos recursos jornalísticos instaurados em suas crônicas, com o intuito de demonstrar a importância e o enriquecimento que essas duas áreas do conhecimento conferem ao estudo deste autor.

Todos sabemos da importância do que se convencionou denominar em Análise do Discurso contexto de produção. Portanto, a travessia pelo contexto histórico da época em que enuncia – o período compreendido entre 1900-1920 – torna-se fundamental, pois João do Rio compõe em seus textos uma espécie de retrato desta época conhecida como a *Belle Époque* carioca. Sob essa perspectiva, suas narrativas abrem-se ainda para a problemática do caráter documental do texto literário uma vez que descrevem o cenário e os costumes das duas primeiras décadas daquele século.

O discurso é uma forma de ação por meio do qual o homem se revela para o mundo e também traz do mundo suas marcas. Assim, o enunciador de nosso objeto de estudo desvela em seu discurso as marcas de sua época ao mesmo tempo em que se revela.

Para Van Dijk (1990) as formas, os significados e a ação encontram-se intimamente ligados. É no discurso que palavras, orações, texto e contexto se relacionam produzindo sentidos, significações. Para ele, a notícia e todo o seu processo de enunciação ligam-se às práticas sociais e às ideologias. Não se pode, pois, prescindir do enunciador enquanto sujeito sócio-histórico: o sujeito influenciado pela ideologia. Em outros termos, há que se considerar o assujeitamento do enunciador. É, pois, a partir desse pressuposto, que analisaremos as crônicas de que trata este trabalho.

2. A literatura e a crônica

Etimologicamente o termo “crônica” está relacionado à palavra grega *chronos* (tempo). Segundo nos ensina Massaud Moisés (2003, p. 101):

Do grego *chronikós*, relativo a tempo (*chrónos*), pelo latim *chronica*, o vocábulo “crônica” designava, no início da era cristã, uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, isto é, em seqüência cronológica. Situada entre os anais e a história, limitava-se a registrar os eventos sem aprofundar-lhes as causas ou tentar interpretá-los. Em tal acepção, a crônica atingiu o ápice depois do século XII, graças a Froissart, na França, Geoffrey of Monmouth, na Inglaterra, Fernão Lopes, em Portugal, Alfinso X, na Espanha, quando se aproximou estreitamente da historiografia, não sem ostentar traços de ficção literária. A partir da Renascença, o termo ‘crônica’ ce- deu vez a ‘história’, finalizando, por conseguinte, o seu milenar sincretismo.”

Entretanto, a acepção moderna do termo passou a ser empregada a partir do século XIX, momento em que o vocábulo revestiu-se de sentido estritamente literário. Massaud Moisés esclarece que a ampla difusão da imprensa beneficiou o vocábulo que, então, rapidamente passou a ser uma “narrativa histórica, configurada nos jornais da época”.

Porém, com o efervescente impulso da imprensa e do jornal, a crônica afastou-se da história. Transformou-se em “Folhetim”. João Roberto Faria no prefácio de *Crônicas Escolhidas de José de Alencar* assim escreve:

Naqueles tempos, a crônica chamava-se folhetim e não tinha as características que tem hoje. Era um texto mais longo, publicado geralmente aos domingos no rodapé da primeira página do jornal, e seu primeiro objetivo era comentar e passar em revista os principais fatos da semana, fossem eles alegres ou tristes, sérios ou banais, econômicos ou políticos, sociais ou culturais. O resultado, para dar um exemplo, é que num único folhetim podiam estar, lado a lado, notícias sobre a guerra da Crimeia, uma apreciação do espetáculo lírico que acabara de estrear, críticas às especulações na Bolsa e a descrição de um baile no Cassino.

Antonio Candido, no prefácio do livro da coleção Para Gostar De Ler, intitulado “A vida ao rés do chão, afirma que a crônica “é filha do jornal e da era da máquina, onde tudo acaba tão depressa” (1989, p. 6). Entretanto, mais adiante o autor esclarece:

Retificando o que ficou dito atrás, ela não nasceu propriamente com o jornal, mas só quando este se tornou cotidiano, de tiragem relativamente grande e teor acessível, isto é, há uns cento e cinquenta anos mais ou menos. (...) Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de rodapé sobre as questões do dia, – políticas, sociais, artísticas, literárias. Assim eram os da secção “Ao correr da pena”, título significativo a cuja som-

bra José de Alencar escrevia semanalmente para o Correio Mercantil, de 1854 a 1855. Aos poucos o 'folhetim' foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje. (1989, p. 6-7).

Percebe-se, pois, que o folhetim de outrora se transformara, na virada do século, em crônica e adquirira características tanto do fazer literário, quanto do fazer jornalístico.

3. *A retórica e a estilística em A alma encantadora das ruas*

Sabendo-se, com Van Dijk (1990), que a significação textual ultrapassa o limite do texto, ou seja, depende de fatores sociais, cognitivos, pragmáticos e históricos, iniciaremos a análise, observando o contexto de produção da obra de João do Rio, bem como alguns dados biográficos.

Paulo Barreto nasceu na rua do Hospício, 284, centro do Rio de Janeiro. Com apenas 18 anos teve publicado seu primeiro texto em *A Tribuna*, jornal de Alcindo Guanabara. A partir de então, sob pseudônimos variados, colabora com vários órgãos da imprensa carioca: *O Paiz*, *O Dia*, *Correio Mercantil*, *O Tagarela* e *O Coiô*. Em 1903, vai para a *Gazeta de Notícias*, onde nasce João do Rio, seu pseudônimo mais famoso e lá permanece até 1913.

Segundo seus biógrafos, teve o mérito de profissionalizar o jornalismo que era até então exercido por intelectuais em forma de "bico" em horas ociosas. Suas crônicas, além do caráter jornalístico- investigativo, adquirem um cunho antropológico e sociológico, tal a agudeza de suas análises.

O autor percorre ruas, becos, a periferia e o centro, buscando a matéria-prima de sua obra: o *locus urbanus* da então capital federal, no período conhecido como *Belle Époque*. A partir desse passeio pelas ruas cariocas, tece um retrato muito agudo da cidade e de seus habitantes.

Na passagem do século XIX para o XX, o Rio de Janeiro era o retrato da modernidade: largas avenidas construídas no centro da cidade, sob o governo de Pereira Passos, denunciavam o caráter cosmopolita neste redimensionamento do espaço urbano.

Neste contexto, surge *A alma encantadora das ruas*, revelando o olhar sempre atento e sagaz do escritor-jornalista nas vinte e sete crônicas que a compõem: "A Rua", "O que se vê nas ruas", "Os Tatuadores",

"Oração", "Urubus", para citar apenas algumas delas. Na verdade, descreve vários aspectos da cidade: desde os passeios das moças burguesas até as profissões humildes (estivadores, agenciadores de luto, prostitutas), a pobreza, as mulheres mendigas, os presidiários, enfim o submundo carioca.

Cumpramos lembrar que neste período, o gênero literário "crônica" consolida-se no âmbito jornalístico. Assim como ocorrera com o folhetim, responsável pelo surgimento de grandes nomes da escritura, como Balzac, Dumas – ou mesmo os brasileiros Manuel Antônio de Almeida, José de Alencar – também o novo gênero apresenta-se como uma via de acesso à carreira literária para os escritores iniciantes.

João do Rio coloca-se, pois, como o principal representante desse novo gênero, utilizando-se de uma estética absolutamente moderna e adequada à captura do efêmero, do flagrante do cotidiano urbano.

Literatura e jornalismo mesclam-se em seus textos, em suas crônicas-reportagens. Toda sua construção textual revela o caráter ambivalente desse gênero: apresenta elementos jornalísticos quando sai a "flanar" pelas ruas, buscando *in loco* a matéria para seus textos. E neste seu "flanar", encontra pessoas do povo com quem conversa para conhecer, apreender a realidade e, então, apresentá-la ao seu leitor. É, portanto, o precursor da entrevista/reportagem, gênero que somente seria incorporado ao jornalismo muito mais tardiamente.

Em crônicas como "O que se vê nas ruas", "Três aspectos da miséria" vê-se o autor a perambular pelas ruas da cidade a conhecer seus habitantes. Em "Os trabalhadores da estiva", inicia:

"Eu resolvera passar o dia com os trabalhadores da estiva e, naquela confusão, via-os vir chegando a balançar o corpo, com a comida debaixo do braço, muito modestos". (RIO, 2007, p. 66)

Observe-se que ele ali está, junto aos trabalhadores, a observá-los a rotina, as dificuldades, os anseios.

Entretanto, ao lado desta característica inovadora do jornalismo, podemos verificar seu estilo pessoal, impressionista, subjetivo:

Eu via, porém, essas fisionomias resignadas à luz do sol e elas me impressionavam de maneira bem diversa. Homens de excessivo desenvolvimento muscular, eram todos pálidos – de um pálido embaciado como se lhes tivessem pregado à epiderme um papel amarelo, e assim, encolhidos, com as mãos nos bolsos, pareciam um baixo-relevo de desilusão, uma frisa de angústia.

Acerquei-me do primeiro, estendi-lhe a mão. (RIO, 2007, p. 66)

Ao mesmo tempo em que se encontram aspectos do fazer jornalístico, quais sejam: predominância da forma narrativa (personagens, ação e descrição de ambientes) e humanização do relato, também se pode observar uma característica fundamentalmente literária: a subjetividade. É justamente esse traço que dá ao discurso de João do Rio o caráter híbrido: ele coloca-se, pois, no entrelugar literatura/jornalismo.

Desta forma, em relação à estilística do autor, pode-se destacar a descrição detalhada de ambientes e fatos e o repórter como narrador no sentido literário, pois não há a neutralidade e a objetividade pretendidas pelo texto jornalístico.

Há também o diálogo do repórter com sua fonte, destacando-se a presença de constantes observações e comentários a relaxar o caráter jornalístico do texto.

Na crônica “Os Urubus”, veja-se o diálogo que o autor trava com um funcionário do serviço mortuário:

Que espécie de gente é essa?

– Oh! não conhece? São os urubus!

– Urubus?

– Sim, os corvos... É o nome pelo qual são conhecidos aqui agenciadores de coroas e fazendas para luto. Não é muito numerosa a classe, mas que faro, que atividade!

Totalmente interessado, tive uma dessas exclamações de pasmo que lisonjeiam sempre os informantes e nada exprimem de definitivo. E sorriu, tossiu e falou. Foi prodigioso. (*Idem*, p. 27)

Como se pode verificar, o autor conversa com os funcionários do serviço mortuário para sondar o tipo de expediente utilizado pelos agenciadores do luto: primeiramente, aqueles que ficam à espreita, nas proximidades da Santa Casa para conseguir vender grinaldas aos parentes de pessoas falecidas; em segundo lugar, os que compram todos os jornais para saberem do falecimento de alguma pessoa importante a fim de oferecerem os mesmos últimos aos seus familiares.

Observe-se, sobre essa questão, o comentário de João do Rio absolutamente pessoal:

Eu ouvia o meu informante um pouco melancólico. Que diabo! Por que urubus, naquele pedaço da cidade que cheira a cadáveres e a morte?

Não há terra onde prospere como nesta a flora dos sem-ofício e dos parasitas que não trabalham. Esses sujeitinhos vestem bem, dormem bem, chegam a ter opiniões, sistema moral, ideias políticas. Ninguém lhes pergunta a fonte inexplicável do seu dinheiro. Aqueles pobres rapazes, lutando pela vida, naquele ambiente atroz da morte, vestindo a libré das pompas fúnebres, impingindo com um sorriso à tristeza coroas e crepes, só para ganhar honestamente a vida, eram dignos de respeito. Por que urubus? Maçonaria da má sorte, pelotão dos tristes, seres sem o conforto de uma simpatia, no limite do nada, encarregados de fornecer os símbolos de uma dor que cada vez a humanidade sente menos. (*Idem*, p. 28)

Em outra crônica, “Músicos Ambulantes”, o estilo do autor revela sua erudição:

A música preside à nossa vida, a música auxilia até a gestação, e, consista apenas na voz como diz Sócrates, consista, pretende Aristoxeno, na voz e nos movimentos do corpo, ou reúna à voz os movimentos da alma e do corpo como pensa Teofrasto, tem os caracteres da divindade e comove as almas. Pitágoras, para que a sua alma constantemente estivesse penetrada de divindade, tocava cítara antes de dormir e logo ao acordar de novo à cítara se apegava. Asclepíades, médico, acalmava os espíritos frenéticos empregando a sinfonia, e Herófilo pretendia que as pulsações das veias se fazem de acordo com o ritmo musical. (*Idem*, p. 42)

Contrapondo-se ao discurso progressista hegemônico da cidade europeizante, faz emergir em suas linhas o outro lado do Rio: a cidade dos miseráveis, dos esquecidos, a cidade que a classe política negava-se a reconhecer:

É uma espécie de gente essa que serve às descargas do carvão e do minério e povoa as ilhas industriais de baía, seres embrutecidos, apanhados a dedo, incapazes de ter ideias. São quase todos portugueses e espanhóis que chegam da aldeia, ingênuos. Alguns saltam da proa do navio para o saveiro do trabalho tremendo, outros aparecem pela Marítima sem saber o que fazer e são arrebanhados pelos agentes. Só têm um instinto: juntar dinheiro, a ambição voraz que os arrebenta de encontro às pedras inutilmente. Uma vez apanhados pelo mecanismo de aços, ferros e carne humana, uma vez utensílio apropriado ao andamento da máquina, tornam-se autômatos com a teimosia de objetos movidos a vapor. Não têm nervos, têm molas; não têm cérebros, têm músculos hipertrofiados. (*Idem*, p. 70)

Finalmente, retomemos a literariedade de seu discurso, e vejamos seu lirismo em “A Musa das Ruas”:

A musa das ruas é a musa que viceja nos becos e rebenta nas praças, entre o barulho da população e a ânsia de todas as nevroses, é a musa igualitária, a musa-povo, que desfaz os fatos mais graves em lundus e cançonetas, é a única sem pretensões porque se renova como a própria Vida. Se o Brasil é a terra da poesia, a sua grande cidade é o armazém, o ferro-velho, a aduana, o belchior, o grande empório das formas poéticas. Nesta Cosmópolis, que é o Rio, a poesia brota nas classes mais heterogêneas. (*Idem*, p. 102)

4. Considerações finais

Buscou-se, neste trabalho, analisar as crônicas jornalísticas de João do Rio, publicadas em *A alma encantadora das ruas*, no início do século XX, verificando a construção textual do autor, sobretudo no que se refere à retórica e à estilística. Verificou-se, pois, o caráter híbrido de sua escritura que se coloca no entrelugar literatura/jornalismo, diluindo as fronteiras, aproximando as linguagens e instaurando a modernidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTELO, Raul. (Org.). *A alma encantadora das ruas*: João do Rio. São Paulo: Cia. das Letras, 1997.

ARRIGUCI JR., Davi. Fragmentos sobre a crônica. In: _____. *Enigma e comentário*. Ensaaios sobre literatura e experiência. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil 1900*. Rio de Janeiro: J. Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés do chão. In: _____. et al. *A crônica*: o gênero, sua fixação e sua transformação no Brasil. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

GOMES, Renato Cordeiro. *João do Rio*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

HONORATO, M.C. *Compêndio de retórica e poética*. Rio de Janeiro: Typographia Cosmopolita, 1879.

LAUSBERG, H. *Manual de retórica literaria*. Madrid: Gredos, 1968.

ORLANDI, E. P.; GUIMARÃES, E. Identidade linguística. In: _____. *Língua e cidadania*. Campinas: Pontes, 1996.

PEREIRA, Wellington. *Crônica*: a arte do útil e do fútil. João Pessoa: Ideia, 1994.

RIBEIRO, J. A. *Transdisciplinaridade*: literatura brasileira e jornalismo. Botucatu: Jornal do Commercio, 2007.

VAN DIJK, T. A. *La noticia como discurso*. Comprensión, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós, 1990.